

Apresentação¹

Reflexões sobre Tradição e Tecnologia: perspectivas dos estudos de variação linguística no século XXI

Fabiane Cristina Altino – Universidade Estadual de Londrina
Fernando Jorge Da Costa De Brissos - Universidade de Lisboa
Marcelo Silveira - Universidade Estadual de Londrina

Os estudos de variação linguística têm, a cada ano, incorporado novas tecnologias para tratar e mapear os dados coletados. Esta não é uma prática recente, muitas áreas dentro dos estudos da linguagem desenvolvem ou servem-se de ferramentas tecnológicas, hoje fundamentais para a rodagem ou apresentação dos dados.

A Dialetoлогия, área central desta edição, modernamente utiliza-se de tecnologias que melhoram a aparência da cartografia e/ou a fidelidade dos dados. Desde o marco fundador do Atlas Linguístico da França, com os primeiros métodos de cartografia linguística, até a elaboração de mapas dialetométricos como o DiaTech (Aurrekoetxea *et al.*, 2013) e o Visual DialectoMetry (Goebel, 2022), muitas tecnologias contribuíram para a inovação gradativa na análise e apresentação dos dados de variação coletados pelos pesquisadores.

É na perspectiva da historiografia e da inovação quanto às técnicas empregadas na elaboração de atlas que se inscreve o artigo de Aguilera, pesquisadora da Universidade Estadual de Londrina, e Mota, da Universidade Federal da Bahia, intitulado *Um passeio pela história da Geolinguística no Brasil: do artesanal ao tecnológico*. As autoras tecem a história da Geolinguística brasileira, inaugurada pelo Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (Rossi, 1963), considerado “o primeiro passo concreto, no campo da Geolinguística” Cardoso e Mota (2013, p. 122). Este método de apresentação dos dados linguísticos seguiu seu caminho em terras nacionais e teve seu auge com a instauração do Projeto do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, em 1996 (Cardoso, 2006).

O salto de qualidade dos atlas, no que se refere a metodologia de recolha dos dados e da sua apresentação em cartas, ocorreu dentro dos primeiros 50 anos da área no Brasil e os trabalhos nessa perspectiva diatópica marcaram a terceira fase dos estudos dialetais (Mota; Cardoso, 2006), quando se inaugura o início dos estudos sistemáticos neste campo. Nesta fase se inscrevem os atlas monodimensionais que contemplam os territórios baiano, mineiro e paraibano, respectivamente, Atlas Prévio dos Falares Baianos, Esboço de um Atlas de Minas Gerais - EALMG (Ribeiro *et al.*, 1977) e Atlas Linguístico da Paraíba - ALPB (Aragão; Menezes, 1984).

Embora se encontrem nesta terceira fase, os volumes dos atlas de Sergipe e do Paraná (e seus segundos volumes)², de caráter bidimensional por contemplarem, além da dimensão diatópica, a dimensão diasssexual, trazem em si o primeiro passo para a adoção da camada vertical preconizada por Thun (1997).

O Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil - ALERS (Koch *et al.*, 2002; Altenhofen e Klassmann, 2011), que registra os falares paranaenses, catarinenses e riograndenses,

¹ Destacamos que este número é de dezembro de 2023, mas foi concluído em junho de 2024.

² O Atlas Linguístico de Sergipe - ALS II (Cardoso, 2002; Cardoso, 2005) e o Atlas Linguístico do Paraná II – ALPR II (Altino, 2007) deram continuidade à cartografia de dados coletados na ocasião do primeiro volume.

lançado posteriormente ao marco divisor do ALiB, fez a opção por explorar o caráter da arealidade. Seus autores afirmam que esta decisão está centrada na ênfase dada à dimensão diatópica, “privilegiando desta forma a delimitação de áreas linguísticas que apontassem tendências de variação do português falado na área em estudo. Desse propósito advém toda a metodologia da pesquisa, de ordem monodimensional [...]” (Altenhofen; Klassmann, 2011, p. 26)

A partir do advento do Projeto ALiB, em 1996, instaura-se a quarta fase da Dialetologia brasileira. Segundo Mota e Cardoso,

Do ponto de vista metodológico, essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística a partir da década de 60 do século passado, abandonando-se a visão monodimensional – monoestrática, monogeracional, monogenérica, monofásica, etc. – que predominou na geolinguística hoje rotulada de “tradicional” (Mota; Cardoso 2006, p. 21).

Integram este grupo os atlas publicados após a implementação do projeto ALiB, com a cartografiação, para além da abrangência diatópica, de variáveis que possam favorecer a visualização da variação. Na era pluridimensional dos estudos de variação linguística, conforme afirma Oliveira (2006),

O caráter extensivo da Dialetologia, no sentido de que tem predominantemente uma abrangência espacial, diatópica, à qual se podem e devem agregar incursões sistemáticas de natureza sociolingüístico - estráticas, etárias, diafásicas - garante a sua atualidade e assegura a importância da expansão dos estudos nesse campo, pelo menos até que se tenha descrito todo o território brasileiro (Oliveira, 2006, p. 175).

Inscrevem-se nesta fase o Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul – ALMS (Oliveira, 2007), que investiga a fala de sul Matogrossenses em 32 localidades, estratificados por sexo, idade e escolaridade e o Atlas Linguístico do Ceará – ALECE (Bessa, 2011), que visitou 70 localidades e entrevistou, em cada uma, quatro informantes também estratificados por sexo, idade e escolaridade. Estes atlas, discutidos no artigo que inicia este número da revista, servem de exemplo da expansão da Geolinguística no país, no qual Aguilera e Mota demonstram as viabilidades, dificuldades e possibilidades do fazer geolinguístico no Brasil, cumprindo assim objetivos que delimitaram.

Há outros estudos geolinguísticos já concluídos, outros em diferentes fases de implementação ou os que ainda serão organizados, que trazem no bojo a égide da pluridimensionalidade que pode agregar ainda mais tecnologia, como é o caso do Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALISPA (Razky, 2004), trazendo ao consulente a *realia* da língua, o registro da interação no momento da entrevista.

O segundo artigo, assinado por Romano, pesquisador da Universidade Federal de Santa Catarina, e Robbin, doutorando no Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulado *Recartografiação de Atlas Linguísticos da Região Sul do Brasil: ALERS e ALPR*, busca evidenciar as contribuições que os *softwares* de tratamento de dados linguísticos podem oferecer para a Geolinguística.

A ferramenta utilizada pelos autores para a recartografia foi desenvolvida especialmente para esta finalidade. Em outras palavras, o software foi concebido para atender a demanda de cartografiação dos registros linguísticos obtidos pelos pesquisadores.

O SGVCLin é um *Software* para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas – versão 1.1 (Romano; Seabra; Oliveira, 2014), que possibilita a elaboração de cartas linguísticas e a emissão de relatórios diversos, facilitou o trabalho do dialetólogo na apresentação de dados coletados e vem sendo utilizado por inúmeros estudos, de atlas estaduais aos de pequenos domínios. A adoção desta tecnologia vem ressignificando a feitura de cartas, substituindo a tarefa por vezes manual ou com auxílio de ferramentas de desenho, pela emissão computadorizada de cartas e relatórios de frequência e registro.

Segundo Romano (2014), coautor do software e do artigo que ora é comentado, a ferramenta permite a geração de: a) cartas puramente diatópicas (monodimensionais) que permitem, por exemplo, verificar a presença/ausência de determinada variante em uma superfície territorial demarcada; b) cartas nas quais duas variáveis podem ser expostas (bidimensionais), ficando a critério do autor a seleção das variáveis (por exemplo diatópica e diasssexual ou diatópica e diageracional etc.); c) cartas em que se encontrem mais de duas variáveis (pluridimensionais), igualmente selecionadas pelo autor; d) por fim, cartas sintéticas, que, em linhas gerais, permitem a visualização de linhas de isoglossas no território estudado. A representação da variação nas cartas deste software depende da modalidade – mono, bi, pluridimensional ou sintética – apresentando uma gama de possibilidades para a fotografia linguística que se pretende.

O artigo de Romano e Robbin apresenta, empiricamente, o software e busca recartografar algumas cartas dos dois volumes do ALERS (Koch *et al.*, 2002; Altenhofen; Klassmann, 2011) e retoma as cartas de Altino (2022), que reeditou cartas fonéticas constantes do ALPR (Aguilera, 1994), do ALPR II (Altino, 2007) e cartografou dados inéditos do banco de dados do ALiB. Os autores apresentam as contribuições da ferramenta e os consideráveis avanços por ela permitidos na apresentação do mapeamento de variantes, neste caso em particular, a partir de dados da Região Sul.

Exemplo de utilização do recurso tecnológico criado por Romano, Seabra e Oliveira (2014) é o terceiro artigo da coletânea, assinado por Isquardo e Fernandes, pesquisadoras da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Neste trabalho, intitulado *Denominações para “diarista”: marcas de ruralidade no léxico de falantes da Região Sudeste do Brasil*, as autoras investigam traços de ruralidade no vocabulário registrado por informantes do interior mineiro, capixaba, fluminense e paulista.

O artigo apresenta dados discutidos em outros trabalhos acadêmicos para as respostas obtidas diante da pergunta 61 do Questionário Semântico-Lexical do ALiB, área semântica Atividades Agropastoris (Comitê Nacional..., 2001, p. 26), para a denominação do *trabalhador pago por dia*, e as discutem à luz da Geolinguística, da Sociologia Rural (Sorokin; Zimmerman; Galpin, 1981) e da divisão cultural brasileira (Diégues Júnior, 1960), chegando à Sociolinguística Educacional de Bortoni-Ricardo (2005). Estas teorias, aparentemente distantes, alinham-se para consolidar as análises sobre o vocabulário registrado nas entrevistas.

Segundo as autoras, essa abordagem para o tratamento do vocabulário foi adotada porque em uma sociedade que viveu o êxodo rural tão fortemente, a partir da segunda metade do século passado, compreender o significado de ruralidade como resultado de ocupação territorial parece ser insuficiente. É provável que esse movimento migratório tenha dissolvido a polarização rural/urbano para compor um quadro de *continuum* tão bem definido e discutido por Bortoni-Ricardo (2005) e suas consequências para a escolarização.

Neste cenário, as teorias evocadas por Isquierdo e Fernandes mostram-se eficientes, pois aliam os conhecimentos de áreas afins – dialetologia, sociologia, cultura e sociolinguística educacional – para compor o mosaico da língua e sua representatividade na sociedade. Conciliar os instrumentos teórico-metodológicos da Geolinguística e da Sociologia Rural possibilitou desvelar a presença de possíveis traços de ruralidade e de conservadorismo no acervo vocabular dos falantes, apresentado em cartas linguísticas elaboradas no software SGVCLin, reafirmando o avanço tecnológico na área.

O quarto artigo desta edição, intitulado *Mapeamento da variação de /R/, em coda silábica interna, na Região Sudeste: contribuições do QGIS*, foi elaborado por Silva, pesquisadora da Universidade Federal do Pampa. Produto derivado da tese de doutoramento da autora, que adota a ferramenta da Geografia para a apresentação dos dados da geolinguística.

O QGIS é uma multiplataforma, ou seja, um sistema de *hardware*, de software, de informação georreferenciada, entre outras atribuições, que possibilita a visualização, edição e análise dos dados de informação geográfica. O aplicativo GIS (Geographic Information System = Sistema de Informação Geográfica) é uma plataforma de Código Aberto desenvolvida para a criação de mapas a partir de camadas raster³ e/ou vetoriais. Ele permite o armazenamento de dados em diferentes formatos, como pontos, linhas ou polígonos, facilitando a construção de mapas detalhados e personalizados.

O artigo em foco ancora-se na Geolinguística, apresentando a distribuição diatópica da vibrante retroflexa por meio de cartografia realizada com o software referido. Os dados permitem verificar a vitalidade do fenômeno fonético e, com isso, refutar a previsão feita por Amaral ([1920] 1976) de diminuição e possível desaparecimento da variante. Vale retomar a introdução de sua obra, quando anunciou estar o dialeto caipira condenado ao desaparecimento. Sem dúvida não foi o caso do /R/ retroflexo, marca inconfundível do dialeto falado, antes, em parte de São Paulo e Paraná, hoje, pelos dados do ALiB, para as capitais, registrados nas cartas F04 C3, F04 C4 e F04 C6 (Cardoso *et al.*, 2014, p. 103, 105, 109), espreado pelas Regiões Sul, Centro-Oeste e parte de São Paulo. Essa irradiação poderá ser maior à medida que avançamos com a publicação dos dados dos informantes do interior.

Aguilera (2020), além dos estudos referenciados por Silva, retoma essa “previsão” de Amaral e a discute à luz dos dados do ALPR (Aguilera, 1994), ALERS (Altenhofen; Klassmann, 2011), ALMS (Oliveira, 2007) e os dados do ALiB. As conclusões do trabalho demonstram a manutenção e alargamento do espaço do retroflexo, afirmando que “dentre os três fenômenos abordados, o /R/ retroflexo, ou caipira é o que oferece maior resistência na área que, historicamente, foi percorrida e ocupada por bandeirantes paulistas e pelos tropeiros, durante o Brasil Colônia” (Aguilera, 2020, p. 188).

Nos mapas apresentados por Silva é possível ampliar esse horizonte de alcance do /R/ retroflexo, verificar sua persistência, além de atestar a eficácia da ferramenta QGIS, viável para o que se pretende na Geolinguística, que passa, cada vez mais, por uma representação detalhada, inteligível e informatizada dos dados.

³ Como descrito em Gazaba (2024, p.18) “la explicación más simple que podemos ofrecer para el formato ráster es similar a la de una imagen como lo es una fotografía digital común y corriente. Una imagen digital es una matriz rectangular de píxeles, donde cada uno de ellos tiene un valor, que posteriormente puede representarse mediante un color.”

O *Estudo dialetométrico do Atlas Semântico-lexical da Região do Grande ABC (ASL-ABC)*, de Cristianini, pesquisadora da Universidade Federal de Uberlândia, é o quinto artigo nesta edição e apresenta-se como modelo de estudos da Dialetometria.

Contemporânea do primeiro atlas linguístico brasileiro, essa área de estudos consiste na aplicação de métodos quantitativos ao estudo dos dialetos, permitindo o máximo aproveitamento da informação contida num atlas linguístico e, com isso, tornando evidentes padrões e estruturas de agrupamento ocultos à observação direta. Brissos & Saramago (2019, p. 353) dão-nos uma definição operatória da disciplina, que se trata de

[...] uma abordagem quantitativa ao estudo dos dialetos com um enfoque na métrica, i.e. na mensuração dos fenômenos de variação dialetal por meio de procedimentos exatos e totalmente comparáveis, os quais importa da classificação numérica ou taxonômica. Aplica cálculos matemático-estatísticos elaborados à matriz de dados obtida a partir dos procedimentos referidos e representa cartograficamente (espacializa) os resultados desses cálculos, cabendo ao linguista, com a liberdade que a estatística confere, a tarefa final de interpretação do quadro geolinguístico que tem à frente.

A natureza tecnológica e aplicada da dialetometria tem levado a uma crescente diversificação metodológica, alavancada, especialmente, no crescente uso de programas computacionais especialmente criados para o efeito, como os já referidos VDM e DiaTech ou o cada vez mais utilizado Gabmap (Nerbonne, 2011). Como refere Aurrekoetxea (2019, p. 20), toda essa tecnologia permite a inclusão de maiores “possibilidades de análise e utilizando diversas unidades de distância, com diferentes algoritmos de classificação, etc. Houve uma mudança de uma dialetologia baseada em alguns recursos para uma dialetologia que lida com uma grande quantidade de dados”⁴.

Área em expansão, a Dialetometria vem ganhando seguidores também em terras brasileiras e o artigo assinado por Cristianini adota esse arcabouço teórico-metodológico, com auxílio do software DiaTech, para a análise dos dados registrados no *ASL-ABC*.

A tecnologia de informação que envolve a linguagem verbal se faz cada vez mais necessária em nossas vidas. Buscadores para pesquisas em sites, tradutores automáticos, consultas a bancos de dados são uma constante na academia e, até mesmo, na vida cotidiana. É nessa perspectiva que está inserido o sexto artigo, intitulado *O uso de técnicas computacionais no âmbito da Dialetologia e da Lexicografia: XML e X-Query*, de Jorge Júnior, pesquisador da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

Fruto de pesquisas em Processamento da Linguagem Natural (PLN) se dedica à solução de problemas de linguística computacional, como a otimização das relações entre o usuário e as máquinas (Manfio, 2014), este artigo pretende demonstrar e refletir sobre o uso da linguagem Extensible Markup Language (XML) e das expressões X-Query como técnicas computacionais para o tratamento de dados dialetais e lexicográficos.

O autor desenvolve um protótipo de vocabulário dialetal eletrônico a partir dos dados registrados no interior da Região Norte para o ALiB. Desta forma, busca aliar a Geolinguística, a Lexicografia e Linguística Computacional), para recuperar informações no banco de dados em XML, analisando questões de interesse da Dialetologia, por meio da seleção de dados favorecidos pelas variáveis diatópica, diassexual e diageracional.

⁴ No original: “incluyendo más posibilidades de análisis y utilizando diversas unidades de distancia, con diferentes algoritmos de clasificación, etc. Se ha pasado de una dialectología basada en unos pocos rasgos a una dialectología que maneja gran cantidad de datos”.

Elaborado respeitando as metodologias para a composição do verbete, o vocabulário dialetal disponibiliza o léxico registrado na Região Norte, além de discutir a importância de se conhecer e fazer uso de tecnologias acessíveis em outras áreas do saber.

O foco do sétimo artigo é a Sociolinguística. Intitulado *Tratamento estatístico de variáveis ordinais geradas por testes de avaliação sociolinguística: introdução ao Pacote Ordinal*, Souza Guerreiro, Sales e Batista da Silveira, pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro, investigam a avaliação de falantes cariocas em relação ao fenômeno do alteamento pretônico, como em escola/íscola, senhor/sinhor, serviço/sirviço etc.

A sociolinguística há muito tempo integrou a tecnologia em suas práticas, empregando ferramentas estatísticas em suas pesquisas. A abordagem sociolinguística é crucial para identificar as condições e contextos, tanto linguísticos quanto extralinguísticos, nos quais ocorre a variação. Como bem pontuam os autores, são muitos os softwares que auxiliam nesta tarefa: Varbrul, GoldVarb X e Rbrul são as mais conhecidas ferramentas. O Pacote Ordinal (Christensen, 2022) vem somar-se aos já citados, no intuito de ordenar a informação, na forma de escore, e de ser mais uma opção de modelos de regressão logística ordinal, com dados que apresentam algum tipo de ordenação hierárquica. Para os autores, esta ferramenta poderá gerar testes de avaliação subjetiva, resultantes de métodos experimentais capazes de originar dados de naturezas muito diversas.

Os artigos que compõem este volume dão uma mostra do avanço da área no tratamento dos dados de variação. Desde a data inaugural do método geolinguístico em terras brasileiras tivemos 30 anos em que foram elaborados cinco atlas – do APFB (Rossi, 1963) ao ALPR (Aguilera, 1994). Os pioneiros desta área pavimentaram o caminho e abriram frentes para que a mentalidade dialetológica de Nascentes (1953) se instaurasse. Como fruto, nos 30 anos seguintes, muitos atlas foram publicados ou estão em fase de elaboração. Entre os de abrangência estadual, regional e os de pequeno domínio, chegamos perto de uma centena de atlas linguísticos, muitos dos quais inspirados na metodologia do ALiB.

Os atlas linguísticos do século XXI contam com suportes tecnológicos que ampliam o alcance da análise, desde logo programas como, por exemplo, o SGVCLin, o DiaTech, o VDM, entre outros softwares para recorte, edição, análises de materiais sonoros e sistemas computacionais de processamento de dados. Da chegada do gravador para a coleta do *corpus* à elaboração de cartas linguísticas, utilizando-se do ArcGIS, do Polígono de Thiessen⁵, entre outros, ou de programas criados exclusivamente para a cartografia e análise de dados, os estudos da variação linguística ganham novos contornos e novos modelos matemáticos/estatísticos para o auxílio na análise dos dados.

Esta edição da Revista *Signum: Estudos da Linguagem*, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, reuniu pesquisadores das áreas da variação que encaminharam seus artigos sobre as contribuições da tecnologia de mapeamento e de análise de dados linguísticos e nos propiciou atingirmos o objetivo de veicular estudos que apresentem e analisem criticamente usos de tecnologias de ponta na cartografia e interpretação de dados linguísticos de natureza variacional. Nos resta agradecer aos colegas e desejar boa leitura!

Referências:

⁵ Também chamando de Diagrama de Voronoi é uma representação gráfica que divide um espaço em regiões, em que cada região é composta pelos pontos mais próximos de um determinado conjunto de pontos.

- AGUILERA, V. de A. *Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- AGUILERA, V. de A. Reverberações de alguns aspectos linguísticos do Dialeto Caipira em trabalhos de Geolinguística. In: BARONAS, R. L.; COX, M. I. P. (org.). *Linguística Popular/Folk Linguistics: práticas, proposições e polêmicas – homenagem a Amadeu Amaral*. Campinas: Pontes, 2020, p. 165-190.
- ALTENHOFEN, C.V.; KLASSMANN, M.S. *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS*. Porto Alegre: UFRGS; Florianópolis: UFSC; Curitiba: UFPR, 2011.
- ALTINO, F. C. *Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR II*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007. 2 v.
- ALTINO, F. C. Variação linguística no Paraná: vogais médias no ALPR e ALIB/PR. *Working Papers em Linguística* (online), v. 23, p. 144-167, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/78588/51606>. Acesso em: 03 maio 2024.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 2. ed. São Paulo: HUICITEC/ Secretaria da Cultura, [1920] 1976.
- ARAGÃO, M. do S. S.; MENEZES, C. B. de. *Atlas Lingüístico da Paraíba – ALPB*. Brasília: Universidade Federal da Paraíba; CNPq, 1984. 2.v.
- AURREKOETXEA OLABARRI, G. Sobre el valor de la dialectometría en la delimitación de las distancias lingüísticas. *GLOSEMA. Revista Asturiana de Linguística*, v. 1, p. 19-39, 2019.
- AURREKOETXEA, G.; FERNANDEZ-AGUIRRE, K.; RUBIO, J.; RUIZ, B.; SÁNCHEZ, J. ‘DiaTech’: A new tool for dialectology. *Literary and Linguistic Computing*. v. 28, n. 1, p. 23-30, 2013.
- BESSA, J. R. F. (coord.). *Atlas Lingüístico do Ceará*. v. 1 – Introdução/Universidade Federal do Ceará; Vol. 2 – Cartogramas/Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRISSOS, F.; SARAMAGO, J. Análise dialetométrica do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil: variação lexical. In: CARRILHO, E.; MARTINS, Ana Maria; PEREIRA, Sandra; SILVESTRE, João Paulo. *Estudos linguísticos e filológicos oferecidos a Ivo Castro*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2019. p. 349-379. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/39619>. Acesso em: 03 maio 2024.
- CARDOSO, S. A. M. *Atlas Lingüístico de Sergipe II*. Tese (Doutorado em Letras – Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- CARDOSO, S. A. M. *Atlas Linguístico de Sergipe II*. v. 1-2. Salvador: EDUFBA, 2005.
- CARDOSO, S. A. M. *et al. Atlas Linguístico do Brasil*. v. 2 – Cartas linguísticas. Londrina: EDUEL, 2014.
- CARDOSO, S. A. M. O projeto ALiB e sua trajetória. In: MOTA, J. A. *Documentos 2: projeto atlas lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 27-35.
- CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. Percursos da geolinguística no Brasil. *Revista Lingüística*, v. 29, n. 1, p. 115-142, jun. 2013.
- CHRISTENSEN, R. H. B. *Ordinal: regression models for ordinal data*. 2022. Pacote R versão 2019.12-10. Wien, 2022. Disponível em: <https://CRAN.R-project.org/package=ordinal>. Acesso em: 03 maio 2024.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil*. Questionários. Londrina: Eduel,

2001.

DIÉGUES JÚNIOR, M. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1960.

FERREIRA, C. et al. *Atlas Lingüístico de Sergipe – ALS*. Salvador: UFBA; FUNDESC, 1987.

GAZABA, F. J. em: *Introducción a los sistemas a información geográfica con QGIS*. 2024. Disponível: <https://pergamino.ar/descargas/introduccion-a-los-sig-con-qgis.pdf>. Acesso em: 03 maio 2024.

GOEBL, H. Un Nouveau Rejeton de L'«École Dialectométrique de Salzbourg»: brève présentation du mode «Beta» de la dialectométrie de Salzbourg. In: AGUILERA, V. de A.; ALTINO, F. C.; RAMOS, C. de M. de A. *Estudos dialetais brasileiros e europeus: uma homenagem a João Saramago*. Campo Grande: UFMS, 2022. p.101-140.

KOCH, W. et al. *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS*. Porto Alegre: UFRGS; Florianópolis: UFSC; Curitiba: UFPR, 2011, 2002.

MANFIO, E. R.; MORENO, F. C.; BARBOSA, C. R. S. C. de. Professor Tical e ALiB: Interação Humano Computador em Diferente Campo. In: *19º Conferência Internacional sobre Informática na Educação-TISE*. v. 10. Fortaleza, 2014. p. 782-787.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Sobre a dialectologia no Brasil: para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, J. A. *Documentos 2: projeto atlas lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

NERBONNE, J.; COLEN, R.; GOOSKENS, C.; KLEIWEG, P.; LEINONEN, T. Gabmap – A web application for dialectology. *Dialectologia*, Special Issue 2, p. 65-89 2011. Disponível em: <https://rune.une.edu.au/web/handle/1959.11/20550>. Acesso em: 03 maio 2024.

OLIVEIRA, D. P. (org.). *Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: UFMS, 2007.

OLIVEIRA, D. P. O Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul. *Signum: Estudos da Linguagem*, v. 9, n. 2, p. 169-183, dez. 2006.

RAZKY, A. *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará*. Belém: CAPES; UFPA; UTM Robert Gauthier, 2004. 1CD.

RIBEIRO, J.; ZÁGARI, M. R. L.; PASSINI, J.; GAIO, A. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais – EALMG*. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. *RELin Revista de Estudos da Linguagem*, v. 22, n. 1, p. 119-151, 2014.

ROSSI, N. *Atlas prévio dos falares baianos – APFB*. Rio de Janeiro: INL; MEC, 1963.

SOROKIN, P. A.; ZIMMERMAN, C. C.; GALPIN, C. J. Diferenças fundamentais entre o mundo rural e urbano. In: MARTINS, José de Souza. *Introdução crítica à Sociologia Rural*. São Paulo: Hucitec, 1981. p. 198-224.

THUN, H. *A Dialectologia pluridimensional no Rio da Prata*. Porto Alegre: UFRGS, 1997.